

Racismo tecnológico: a discriminação hi-tech e ampliada

» FERNANDA DUARTE

Professora, tradutora e jornalista, especialista em jornalismo digital e em mídias na educação

Digite “homem” e “violência” no seu mecanismo de pesquisa favorito na internet e, provavelmente, você verá imagens de homens negros entre os resultados principais. E, não, eles não serão presumidos como vítimas. Já quando você digita “homem branco” e “violência”, o resultado costuma ser bem diverso.

Isso não é novidade, nem raro de acontecer, infelizmente. Atuo na área de comunicação digital há mais de uma década, e, apesar de muitos avanços na luta pela equidade racial no Brasil e no mundo, continuo a me deparar com imagens estereotipadas e preconceituosas nos resultados de buscas na internet, redes sociais e até mesmo em serviços pagos de banco de imagens quase todas as vezes em que vou selecionar imagens de pessoas negras para ilustrar ou produzir conteúdos.

A verdade é que as inovações tecnológicas nos trouxeram muitas facilidades, mas, com elas, também vieram novos problemas ou novas formas de se apresentar os antigos. E é exatamente esse o ponto que me preocupa: a tecnologia que é ferramenta de trabalho, que nos entretém e nos facilita a vida, é a mesma que vem possibilitando novos campos de reverberação da discriminação racial. É o chamado racismo tecnológico. Um fenômeno que, à medida que as inovações tecnológicas vão se tornando cada vez mais integradas em nossas vidas, emerge ampliando desigualdades raciais já existentes por suas implicações discriminatórias.

Um recente estudo norte-americano levantou sérios questionamentos sobre a alardeada imparcialidade de sistemas de algoritmos baseados em inteligência artificial usados na seleção de currículos para postos de trabalho. Verificou-se que tais sistemas, na verdade, favoreciam candidatos brancos. O motivo? Não eram neutros. Eram treinados com dados que refletem as desigualdades raciais preexistentes.

Problemático também é o caso dos sistemas de segurança policial por reconhecimento facial, implementados na maioria dos estados brasileiros. Essas ferramentas apresentam taxas de erro significativamente mais altas em pessoas de pele escura, o que as leva a ter maior probabilidade de serem identificadas e detidas “por engano”. Não à toa, segundo dados da Rede de Observatórios de Segurança, 90% das prisões usando esse método em 2019, ano de implantação dessas tecnologias, foram de pessoas negras.

Situações como essa, todavia, não podem ser tidas como simples falhas de sistema. Elas demonstram como o racismo estrutural está sendo atualizado e segue, por novos meios,



perpetuando a marginalização e a criminalização da população negra. Não quero, com esse artigo, demonizar os avanços tecnológicos, mas dizer que é imperativo enfrentar os desafios que surgem com eles. Virar o jogo, contudo, não é simples.

Dentre as possíveis ações para começar essa batalha, é essencial garantir que a transparência no desenvolvimento e uso de algoritmos seja efetiva e acessível. Hoje, a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), um grande avanço brasileiro na área, prevê, em seu artigo 20, o fornecimento de “informações claras e adequadas a respeito dos critérios e dos procedimentos utilizados para a decisão automatizada” pelas empresas de tecnologia, sempre que solicitadas e observados os segredos comercial e industrial. Mas o quanto isso verdadeiramente está ao alcance das pessoas?

Vejo ainda ser urgente e necessária a

implementação de programas educacionais sobre ética digital e algoritmos nas escolas, abordando questões ligadas à diversidade. A maioria dos brasileiros e brasileiras sequer sabe o que é um algoritmo, quando deveriam ser capazes de questionar e entender o impacto desse tipo de tecnologia na própria vida e na vida de quem é discriminado por ela.

Por último, e não menos importante, penso que seja imprescindível aumentar esforços para assegurar a representatividade social equitativa em equipes de desenvolvimento tecnológico. Iniciativas como programas de mentoria e bolsas de estudo e capacitação para pessoas negras vêm se mostrando bastante eficazes para esse propósito. Em suma, a tecnologia não deve ser um instrumento a mais de discriminação, mas uma força para a inclusão e a igualdade. O racismo tecnológico é uma realidade que não pode mais ser ignorada.

Os desafios para manter a saúde mental na universidade

» HELENA MOURA

Professora da Faculdade de Medicina da UnB e membro do grupo de Geopsiquiatria da Associação Mundial de Psiquiatria

Recentemente, ao navegar pelos perfis de comédia da Universidade de Brasília (UnB) nas redes sociais, deparei-me com uma série temporal de fotos de carteirinhas de estudante que uma aluna acumulou durante o seu curso. Em um dos comentários, uma pessoa exclamava: “Impressionante como o brilho dela foi se apagando ao longo dos anos!”. Vários outros seguiam a mesma linha. Quem já passou pela universidade deve se identificar com essa evolução do sorriso que vai diminuindo e das olheiras que vão se aprofundando. Mas será que entendemos bem por que isso ocorre?

A entrada nos cursos de graduação coincide com o período de início de muitos transtornos mentais. De fato, um levantamento da Organização Mundial da Saúde (OMS) publicado em 2018 mostrou que cerca de um terço dos estudantes experimentam algum problema de saúde mental durante os anos de faculdade. Bipolaridade, depressão, ansiedade e esquizofrenia costumam emergir no final da adolescência e início da vida adulta por questões multifatoriais que passam pela nossa biologia, ambiente e comportamentos.

É nesse período também que ocorrem mudanças, por vezes abruptas, de estilo de vida. Alguns alunos saem da casa dos pais e vão morar sozinhos ou com outros colegas tão imaturos quanto, precisam assumir a responsabilidade pelo cuidado pessoal e da casa e lidar com demandas acadêmicas mais complexas que as da escola (isso mesmo, calouro, mais complexas que estudar para o Enem ou o vestibular).

Não bastasse o estresse gerado por essas demandas, os esforços para tentar se adaptar

a elas acabam levando à adoção de hábitos de vida pouco saudáveis que prejudicam a saúde mental. Sedentarismo, tempo excessivo de telas, alimentação inadequada, sono insuficiente e uso de substâncias psicoativas são comuns à vida universitária e aumentam o risco de transtornos como depressão e ansiedade. Inversamente, a adoção de comportamentos saudáveis tem sido cada vez mais reconhecida como fator de proteção e adjuvante no tratamento de diversos transtornos psiquiátricos. Mas, afinal, como se dá essa associação entre estilo de vida e saúde mental?

Durante a prática de exercício físico, ocorre uma série de alterações cerebrais, como a de limpeza de toxinas produzidas pelo estresse e processos ligados à neuroplasticidade, que é a capacidade do cérebro de se reorganizar estrutural e funcionalmente em resposta a experiências, aprendizado, lesões ou mudanças ambientais. Em outras palavras, fortalece nossa resiliência e capacidade de aprender novas informações ou habilidades. Assim, o tempo investido em exercício físico é tempo investido em aprendizado. E, sim, é mais seguro e efetivo que os “remedinhos” que alguns alunos usam indevidamente para estudar.

A qualidade dos nutrientes ingeridos também impacta sobre os aspectos cognitivos, os níveis de estresse e o humor. Cerca de 35% a 60% das pessoas aumentam a ingestão de confort foods (alimentos ricos em açúcar e gorduras) como forma de “consolo” quando se sentem mais estressadas. Porém, esse comportamento pode piorar o quadro. Enquanto isso, alimentos in natura, carboidratos integrais e gorduras anti-inflamatórias, como ômega-3, reduzem o risco

de depressão, aumentam a energia e o bem-estar e melhoram a cognição, respectivamente.

O sono, tão sacrificado em semanas de provas, é essencial para o aprendizado, humor e concentração. Enquanto isso, passar mais de quatro horas por dia diante de telas aumenta o risco de depressão, sedentarismo e insônia, em especial quando se leva o celular para a cama. Aqui, cabe ressaltar uma questão importante: a mudança de um hábito tende a gerar mudanças em outros. Assim, a redução do tempo de tela ajuda a reduzir a insônia, o que contribui para melhorar a disposição para o exercício físico, o que, por sua vez, melhora a alimentação, e assim por diante.

Considerando que o estilo de vida é um fator de risco modificável e que o adoecimento mental leva à perda de qualidade de vida e desempenho acadêmico, a adoção de estilo de vida saudável não pode depender apenas de esforços individuais. Infelizmente, boa parte da população tem pouco acesso a alimentos saudáveis e prática de exercícios físicos. Nesse sentido, a UnB está participando do maior estudo sobre estilo de vida e saúde mental em universitários, o Unilife-M. É calouro e quer participar? Acesse o link no perfil do Instagram @unilife.unb!

Compreendendo melhor as mudanças de comportamento que ocorrem ao longo do curso e como elas se associam à saúde mental, é possível elaborar políticas públicas e institucionais que promovam hábitos saudáveis. Quem sabe assim, os estudantes mantêm seu brilho até o final do curso e saem emocionalmente mais preparados para os desafios da vida pessoal e profissional que os aguardam.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

O que se multiplica e o que se subtrai no Brasil

Com exceção dos índios, desde o ano de 1500, nenhum outro ser humano ou estrangeiro que tenha aportado no Brasil veio com a intenção de ajudar os autóctones ou tão pouco somar esforços para o desenvolvimento do país.

Essa observação — que, à primeira vista, pode até parecer um tanto radical — diz muito respeito à nossa história e às notícias que passaram a correr mundo afóra, descrevendo essas terras perdidas e sem lei entre os tristes trópicos do continente sul-americano.

Não se trata de nenhuma manifestação de ordem xenófoba. O fato é que nenhum historiador é capaz de admitir que os silvícolas que aqui viviam há milhares de anos foram beneficiados, com o que quer que seja, com a chegada do homem branco. Os africanos, carreados a essas bandas, durante o período em que vigorou o regime escravista, ficam fora dessa visão porque vieram para cá forçados e trazidos atados a correntes.

Obviamente que muitos desses povos diversos que vieram ao longo dos séculos formar o que é hoje uma das nações mais miscigenadas do planeta, por força de um destino ímpar, foram sendo amalgamados à terra e a outras culturas aqui presentes, criando raízes e desenvolvendo gosto e apego aos costumes e às novas gentes que iam sendo formadas. Esses foram os povos que ficaram retidos nessas paragens e que, por razões diversas, acabaram ajudando na formação do país.

Para a metrópole portuguesa, o Brasil era uma típica colônia de exploração, inserida no processo mercantil de lucro em mão única. Com os portugueses, vieram os franceses, espanhóis, holandeses e outros povos europeus, ávidos em busca de riquezas de todo o tipo. Cada um fazia o que podia para morder seu pedaço nesse quinhão. Nem mesmo o passar dos séculos, com a formação da nacionalidade brasileira e de governo próprio e soberano, foi capaz de dissuadir os estrangeiros do interesse cobiçoso que exalava sobre nossas terras.

Ainda hoje, povos de várias origens vêm para essa terra em busca de tesouros, numa busca insana por lucros fabulosos que nem mesmo o tempo foi capaz de aplacar. Espanta que, passados tantos séculos, depois de tantas razias, o país apresente ainda tesouros guardados a serem dilapidados e explorados à luz do dia e negociados a preços visos.

Fosse o país um deserto arenoso ou mesmo uma caatinga imensa, ninguém para essa parte do mundo ou seria vir. Não é por outro motivo também que povos do outro lado do mundo parecem ter descoberto o Brasil agora e investem com fúria nessa nova colônia.

Essas observações, frutos de um coração patriota e sincero, vêm em razão da recente visita do presidente francês ao Brasil. Sintomaticamente, a primeira escala desse político foi feita em terras da Amazônia, a nova fronteira e mina fabulosa, descoberta, agora, pelo nosso atual governo e que pode, por suas prezas, “amolecer” o coração do chefe gaulês.

Essa coluna, como observadora mordaz dos fatos e longe dos salamaleques diplomáticos, logo passou a notar que os animais e as plantas que o presidente francês diz querer preservar para a posteridade estão, hoje, na forma de minerais, como o níquel, cromo, titânio, ouro, platina, paládio, nióbio, entre outros.

»A frase que foi pronunciada:

“Não podemos resolver os problemas reais se apenas cauterizarmos e não tratarmos as raízes do mal.”

Emmanuel Macron

Mangai

» Era comum ver o senador Kajuru chegando cedo ao Senado. Mas, na CCJ, quem percebeu a ausência do senador no início dos trabalhos foi o senador Alcolumbre, que não perdeu a oportunidade: “O Kajuru nunca mais vai poder falar que ele chegou, durante o mandato dele todo, como o primeiro. Seis anos depois!”

Elas

» Nesse dia, o senador Kajuru virou alvo dos colegas. Explicando o atraso, porque substituiu a senadora Leila que seria homenageada, declarou uma poesia aos ouvintes da comissão. Quem não perdeu a chance foi o senador Esperidião Amin. “Ele só conseguiu decorar isso tudo porque casou 11 vezes. Para isso, precisa de memória. Ainda mais com 11 sogras!”

Experiência

» Alunos de acústica da UnB teriam um belo trabalho para dar solução ao espaço de restaurantes no Mané Garrincha. Os decibéis em dias de movimento, à noite, ultrapassam a possibilidade de uma conversa sem gritos.

»História de Brasília

Há verdadeiro desespero por parte dos funcionários contratados do DCT que não recebem há vários meses. É sabido que são muitos os afazeres do cel. Dagoberto Sales, mas uma olhada para seus funcionários é uma necessidade, principalmente levando-se em conta que há muitas famílias passando fome.
(Publicada em 4/4/1962)